

O CINECLUBE GV EXIBIU OS MAIS DIVERSOS FILMES, RESISTIU À DITADURA MILITAR E CONTRIBUIU PARA A FORMAÇÃO DE PÚBLICO NOS CINEMAS. CONHEÇA A HISTÓRIA DE UM DOS PRINCIPAIS CINECLUBES QUE FAZEM PARTE DA MEMÓRIA DE SÃO PAULO

|POR ROSANA CÓRDOVA + ALINE LILIAN DOS SANTOS + EDUARDO DINIZ

DURANTE A DÉCADA DE 1970, O CINECLUBE GV REPRESENTOU UM IMPORTANTE ESPAÇO DE RESISTÊNCIA À DITADURA, JÁ QUE DRIBLAVA A CENSURA E REALIZAVA SESSÕES DE CINEMA VOLTADAS PARA ARTE

Os cineclubes, locais de exibição de filmes clássicos abertos ao público, têm muita relevância na história de São Paulo. Durante a década de 1970, eles representaram importantes espaços de resistência à ditadura, na medida em que driblavam a censura e realizavam sessões de cinema voltadas para arte, exibindo obras de Fellini, Godard, Truffaut, Kurosawa, Bergman, Glauber Rocha e muitos outros nomes.

O INÍCIO

O Cineclube GV surgiu em 1974 com a ideia de utilizar o atual auditório Itaú — localizado na Avenida 9 de julho, Bela Vista — como cinema, já que sua estrutura e equipamentos possibilitavam a projeção de filmes 35 mm, formato mais profissional do que os filmes 16 mm que, geralmente, eram exibidos em salas de aula.

A iniciativa partiu dos alunos do CAAE (Centro Acadêmico de Administração de Empresas), atual Diretório Acadêmico da FGV, e foi um dos poucos que operavam no estado de São Paulo na época, já que os outros haviam sido fechados por causa do Ato Institucional nº 5 (AI-5), em 1968. No período mais severo do regime militar, o CAAE encontrou uma forma de se transformar em empresa e não ser extinto devido às medidas políticas. Ele possuía a área de contabilidade, diretores, funcionários etc. Como empresa, o CAAE administrava o restaurante e

dois bares da FGV, além do cursinho pré-vestibular CPV.

Inicialmente, as sessões eram gratuitas, mas com o aumento no número de exposições — passando de um para quatro dias da semana — e maior divulgação, precisava-se de uma equipe envolvida diariamente com o cineclube, que, pouco tempo depois, passou a ter uma bilheteria.

Luiz Gonzaga Assis de Luca, atual presidente da Cinépolis, maior operadora de cinemas da América Latina, era integrante do CAAE e atuante no Cineclube GV entre 1974 e 1976. Ele lembra que “em São Paulo, existia apenas um cinema de arte, o Cine Belas Artes, e um de reprise, o Bijou. O Cineclube da FGV era uma sala com capacidade para 500 pessoas, com tela grande e trazia filmes de repertório que não eram de fácil acesso”.

LUTA CONTRA A DITADURA

O movimento cineclubista nos anos 1970 foi marcadamente um espaço de resistência à ditadura, que estava no seu auge nesse período. Existiam os certificados de censura, com validade de cinco anos, que continham os cortes dos filmes e o motivo pelo qual os trechos foram retirados. Quando esse prazo expirava, os filmes não poderiam mais ser exibidos pelos cinemas, regra que não se aplicava aos cineclubes e cinematecas. Isso era uma vantagem para o Cineclube GV, que oferecia ao público filmes não mais exibidos nas salas comuns.

Em sua primeira fase (de 1974 a 1977), o Cineclube GV, mais do que

um espaço para filmes *cult* e coletâneas de diretores, era também uma iniciativa política, exibindo filmes proibidos pelo regime militar. Em um momento inesquecível de sua passagem pelo cineclube, Luiz lembra quando foi ao aeroporto buscar o filme *Terra em transe*, que não era exibido desde 1969 no Brasil, e cujo diretor, Glauber Rocha, estava no exílio. Ele conta: “cheguei ao aeroporto no mesmo instante em que o caixão do General Vicente de Paulo Dale Coutinho estava descendo do avião, no auge da repressão. Foi assustador!”.

NOVOS DESAFIOS:

O CRESCIMENTO DO CINECLUBE GV

Na segunda fase, de 1984 até o início de 1991, o Cineclube GV fazia parte do Conselho Nacional de Cineclubes e passou a ser uma entidade separada do Centro Acadêmico. Nessa época, com o movimento cineclubista mais organizado no país, já existiam em São Paulo outras salas de expressão, como o Bixiga, criado em 1981, e o Oscarito, em 1985. Os certificados de censura nos filmes não eram mais necessários e os cineclubes se articulavam em conjunto para negociar o aluguel de filmes com as distribuidoras, o que era sempre uma grande dificuldade.

Na época, as principais distribuidoras de São Paulo ocupavam a “Boca do Lixo”; a região era o coração da produção cinematográfica paulista e, ao mesmo tempo, área de prostituição. Próxima

O CINECLUBE GV TEVE UMA GRANDE IMPORTÂNCIA NÃO SÓ PARA A COMUNIDADE FGV-EAESP, MAS TAMBÉM PARA A CIDADE DE SÃO PAULO

ao que recentemente se tornou a “Cracolândia”, no Bairro da Luz, a “Boca” abrigava a Dinafilme, distribuidora do movimento cineclubista, que, no entanto, tinha um acervo apenas de filmes em 16 mm. Para os que exibiam filmes em 35 mm, como o da FGV, a negociação era feita diretamente com as distribuidoras comerciais, que não tinham interesse no cinema de arte. Muitas vezes, preferiam destruir os seus filmes a alugar para os cineclubes, que garimpavam acervos quase perdidos ou abandonados para manter a sua programação.

André Sturm, que participou ativamente do Cineclube GV e hoje ocupa o cargo de diretor do Museu da Imagem e do Som (MIS), conta sobre uma de suas negociações mais marcantes: “Um aluno descendente de japoneses chamado Minoro entrou para o cineclube. Em uma

conversa sobre cinema japonês, ele me revelou que o pai dele era amigo de um senhor que tinha alguns filmes. O senhor praticamente não falava português e se não fosse o Minoro não tinha dado certo. Depois de conversar, tomar café e ganhar um pouco de confiança, ele nos levou na sua edícula, onde estavam onze ou doze pérolas do Kurosawa. Tentamos convencê-lo a nos emprestar os filmes para passarmos no Cineclube GV e conseguimos. A “semana Kurosawa” foi um estouro! Isso que fazíamos no Cineclube GV — descobrir cópias escondidas, cópias perdidas — ninguém mais fazia”. Foi assim que o Cineclube GV também proporcionou a “semana do cinema francês”, “ciclo Godard”, “semana do cinema alemão”, entre outros grandes momentos.

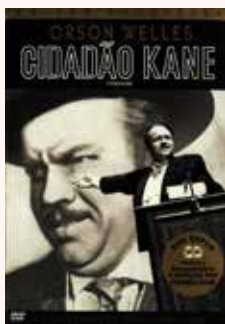
A programação, principalmente as semanas especiais, levavam

muita gente ao cineclube. As filas chegavam a dar voltas para a compra de ingressos, principalmente quando jornais faziam matérias especiais sobre os filmes que seriam exibidos. “Planejamos a semana *Grandes diretores do cinema francês*. Quando abri a *Folha de São Paulo*, tinha uma matéria incrível de meia página dizendo: “Se você não tem um candidato a melhor filme de todos os tempos, vá ver *A regra do jogo* no Cineclube GV”. Não dávamos conta de vender ingressos. Foi histórico!”, revelou André.

MUDANÇA DE CENÁRIO: ADAPTAÇÃO À REALIDADE

Se no final da década de 1980, com a chegada dos videocassetes, os filmes passaram a ser assistidos em casa, com as novas tecnologias digitais e a Internet, como serão os cineclubes no futuro? Na opinião de Luiz, o cineclubismo está

FILMES JÁ EXIBIDOS NO CINECLUBE GV



CIDADÃO KANE



METROPOLIS



TERRA EM TRANSE



DEUS E O DIABO NA TERRA DO SOL



O ENCOURAÇADO POTEMKIN

se reestruturando fortemente no Brasil com o apoio do Ministério da Cultura (MinC). Tem-se uma visão comunitária dos cineclubes, como centros de difusão e voltados para a conscientização e formação de plateia.

Para André, os cineclubes hoje têm um papel de levar o cinema para a periferia das grandes cidades e municípios menores. O MIS, por exemplo, promove um programa que leva o cinema em 130 cidades do estado de São Paulo.

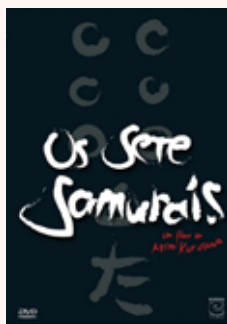
É inegável que o movimento cineclubista oferece filmes diferentes de modo diferente, com uma abordagem de cinema própria na forma e no conteúdo. O Cineclubes GV teve uma grande importância não apenas para a comunidade FGV-EAESP, mas também para a cidade de São Paulo e para o próprio movimento cineclubista no Brasil. Não é coincidência que personagens da história do Cineclubes GV estejam hoje trabalhando com cinema. Vieram estudar Administração e, com o cineclubismo, transformaram-se em profissionais desse mercado.

Atualmente, existe um Cineclubes FGV no Rio de Janeiro que exhibe sessões e promove debates. ●

Histórias Marcantes

“A semana do cinema alemão foi inesquecível. Eram filmes muito especiais, havia sessões todos os dias. Foram seis sessões no sábado, começando às 14h. Na segunda, às 16h, passou Metropolis, de Fritz Lang. Lotou. Vendemos ingressos até para as pessoas se sentarem no chão. A fila ia até a biblioteca. Como nem todos saíam a cada sessão, ficávamos na porta contando quantos entraram e tinham que sair. Nesse dia, vieram ao Cineclubes GV, pelo menos, 50 personalidades: Ministro, artistas, cineastas, cantores, foi ótimo! Além disso, conheci a mulher com quem me casei depois”. *André Sturm*

“O filme ‘O Encouraçado Potemkin’ não era exibido no Brasil desde 1964. Devido à Rebelião dos Marinheiros no Rio de Janeiro, começou a ser o filme mais perseguido da história. Não se exibia. Mas sabíamos de um distribuidor de filmes soviéticos, velhinho, comunista tradicional, que tinha uma cópia, mas não a cedia, pois falava que não tinha mais idade para ser preso. Um dia ele reclamou que estava sem dinheiro e pensei: “é agora”. Oferecemos o equivalente a US\$ 3 mil para alugar o filme. Como era muito dinheiro, contatei Maurício Azedo, do cineclubes Macunaíma, no Rio de Janeiro, ele topou em dividir comigo e passar o Potemkin. Fizemos uma sessão fechada em 1975; cada membro do Centro Acadêmico tinha dez convites para vender. Nada foi divulgado. Deu certo. À noite, eu peguei um trem e levei a cópia para o Rio de Janeiro, para exibir no cineclubes Macunaíma. Mas o Maurício simplesmente divulgou as sessões no jornal. Quando cheguei no Rio, havia uma fila rodeando a quadra. Passaram três sessões, e voltei de ônibus com a cópia. Um dia depois o Maurício foi preso e eu passei as férias fora de São Paulo”. *Luiz Gonzaga Assis de Luca*



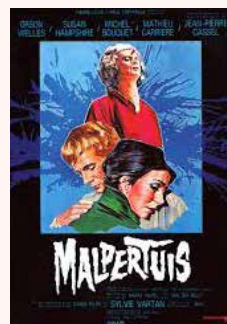
OS SETE SAMURAI



O SÉTIMO SELO



ACOSSADO



MALPERTUIS



A MARCA DA PANTERA